

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV—Número 1.200
Quarta feira, 25 de Outubro de 1922
PREÇO —10 CENTAVOS

Das oficinas dos T. M. E. foram despedidos 150 operários, sem explicações algumas.
E' esta a última resolução dos já célebres T. M. E

Esfôrço necessário

As necessidades da propaganda cada vez mais instantes, o desenvolvimento dos trabalhos administrativos e das relações entre o operariado e a Confederação Geral do Trabalho, tem feito aumentar neste organismo as despesas que a toda a sua actividade sempre crescente são inerentes.

Antigamente, quando a central dos sindicatos não tinha a importância que tem hoje e o seu funcionamento era mais simples, mais leve, quaisquer centavos bastavam para sustentá-la, para atender a todas as suas modestas necessidades financeiras.

Hoje já não é assim. A C. G. T. é um organismo mais complexo, implicando uma variedade de actividades que são a sua vida e que para serem activadas precisam de dinheiro que os alimentos.

O envio de delegados a vários pontos do país, a manutenção de um diário de defesa, cuja publicação não se pode interromper—por que interrompê-la seria uma quebra de energias finanças— a compra de impressos, a montagem de escrita, etc., representam, presente, que um aparo custa um tostão e qualquer insignificância uma fortuna, um encargo colossal que a reduzida cota do sindicato não pode cobrir.

Deste estado de coisas teve o Congresso da Covilhã intuição plena, resolvendo que a C. G. T. aumentasse a sua cota segundo as necessidades mais instantes da Organização e as possibilidades da população operária.

Tem o proletariado na Confederação a sua defesa mais forte porque é resultado da sua própria força e união. Mas essa defesa valiosa, esse baluarte resistente, deixará de fazer-se temer e de acionar com eficácia se o operariado não a colocar numa situação financeira mais desafogada.

O custo da vida que, como ininterrupta maré enchente vai inundando de encargos a existência dos homens, não esquece também a existência das instituições que como os homens vivem e sofrem e dependem inteiramente da situação económica que o país atravessa.

So os interessados, que são todos os trabalhadores, se esqueçam de robustecer com um pequeno esforço, o organismo que os representa, os males que esse organismo sofrer reflectir-se hão na vida dos próprios trabalhadores.

O enorme esforço financeiro que a C. G. T. requer e que um só operário jamais realizaria, dividido por todos, mal se sente, não representa grande sacrifício. E são muito maiores os benefícios que desse pequeno esforço advirão para a classe trabalhadora.

A propaganda sindicalista que urge fazer pela província a fim de trazer ao seio da Confederação todos os que labutam e sofrem, a manutenção de A Batalha que dia a dia leva por esse país fora o alento revolucionário e dá conta do que se passa entre nós, a melhor organização dos serviços internos e administrativos, impõem o aumento da cota confederal.

Se cada trabalhador pezar bem na sua consciência os prós e os contras que desse pequeno aumento lhe podem advir estamos convencidos de que optará pelo aumento.

Que medite, pois, cada trabalhador.

NOTAS & COMENTARIOS

Equívoco Ontem à tarde o Largo de S. Domingos estava cheio de gente. De que se trata? Conício público? Desastre? Gêneros baratos? Não, não era nenhum acontecimento extraordinário. Era uma mulher, acompanhada dum macaco, coberto por uma capa vermelha. Falava em espanhol e que de boca aberta a escutavam estupidamente. Vendia qualquer coisa, um liquido exquisito num frasco.

—Este liquido — dizia — tira as dores de dentes, lava a dentadura, anula o mau cheiro, inutiliza as nevralgias, cura o reumático...

Estivemos para lhe perguntar se ela se julgava ainda no tempo da propaganda republicana.

A vontade do povo Não se vê, mas pressente-se pelas notícias dos jornais políticos e por alguns artigos de propaganda, que no sub-solo da política nacional vai uma azáfama fatigante no intuito de arranjar, arrancar, comprar e inventar votos que intuem em breve as urnas para as eleições municipais. São esses mesmos caciques que neste momento, pais fora, estudam a melhor maneira de enganar o adversário, que à luz do dia, tem o arrojo de afirmar que as eleições são balança que bem pesa à vontade do povo.

Teatro revolucionário Há e em Paris um teatro confederal, um teatro para o operariado. Pelas referências que os jornais revolucionários lhe fazem parece que a frequência é animadora, não acontecendo como em Lisboa onde, por vezes, se representam peças revolucionárias para a burguesia ouvir—que o operariado não precisa...

Novo ano escolar Reabriram-se as aulas em vários liceus e escolas do país. Alguns milhares de crianças iniciam neste ano lectivo a aprendizagem, a par de algumas coisas úteis, daquelas mesmas inutilidades que há muito deviam ter sido excluídas dos programas escolares. Não podemos ter ainda este ano a esperança de ver modificado o meio intelectual deste país, onde predomina a vacuidade dos doutores, dos políticos e dos poetas de rimas fracas.

Um patrão modelo Na Metalúrgica, Limitada, trabalha um operário, torneiro mecânico, que é aluno da Escola Industrial Marquês de Pombal. Para frequentar esta escola necessita sair mais cedo da oficina, e, com esse fim, pediu a um dos patrões, cidadão francês, que lhe permitisse terminar o serviço, diariamente, meia hora mais cedo. Aquele patrão, porém, talvez muito amigo do aperfeiçoamento intelectual e técnico dos operários, em vez de o autorizar a sair mais cedo—despediu-o.

Um patrão que merece uma estátua.

António Cândido

Faleceu ontem em Condemil, terra da sua naturalidade

Ontem de manhã, faleceu em Condemil, António Cândido Ribeiro da Costa, que ainda há bem pouco tempo foi homenageado pelos seus conhecidos do tes de oratória.

Nasceu em S. Cristovam de Condemil, distrito do Porto, em 29 de março de 1851. Em 1875 formou-se na Universidade de Coimbra, em teologia e direito, doutorando-se em 21 de julho de 1878. Era sócio da Academia de Ciências de Lisboa e do Instituto de Coimbra. Foi lente da Universidade e deputado em 1880-81, 84-87 e 1887-89. Em 31 de março de 1891 foi nomeado par do reino, tomando assento na câmara em 1 de junho do mesmo ano. Foi ministro do reino, de 13 de outubro de 1890 a 21 de maio de 1891. Nomeado conselheiro de Estado em 13 de março de 1902, em 3 de abril de 1905 era eleito presidente da Câmara dos Pares.

Exerceu o cargo de vice-presidente da Academia, visto que a presidência pertencia ao rei. A quando da proclamação da República, era Procurador Geral da Coroa, lugar de que actualmente era aposentado.

António Cândido escreveu e publicou «Princípios de filosofia política», Coimbra, 1878; «Teses selectas de direito», Coimbra, 1878; «Discurso sobre o impo-
sto de rendimento», 1880; «Discurso» (na discussão da resposta ao discurso da coroa), 1881; «Orações fúnebres», Porto 1880; «Discursos parlamentares», 1880-1885; «Discursos e conferências na Academia e no Parlamento», 1901, onde estão o «Elogio histórico de El-Rei D. Luís», dois discursos em resposta a Latino Coelho, por ocasião da revolta de 1891, e outra em resposta a Manuel de Azeite, sobre a suspensão de garantias; «Em Amante», discurso, e a «Introdução do drama «D. Pedro», de José de Sousa Monteiro, 1913.

Publicou ainda várias orações fúnebres e colaborou no volume de «Conferências da Exposição de Coimbra» e no livro de discursos a Eça de Queiroz, publicado em 1909.

O Senado fez exarar ontem na acta da sessão um voto de sentimento pela morte do orador associando-se a essa manifestação o governo.

O presidente da República recebeu um telegrama dando conta do falecimento.

O funeral realiza-se hoje.

Pessoal da Imprensa Nacional Em virtude de nos ter chegado tarde e devido à falta de espaço que lutamos, só amanhã publicaremos o extracto da continuação das assembleias gerais do pessoal da Imprensa Nacional, ontem efectuada.

Rebeldias

Os tipógrafos no jornal O Mundo resolveram adoptar, como protesto, a greve de braços caídos, em virtude de não terem sido atendidos na sua reclamação de aumento de salário, formulada à empresa há cerca de dois meses, sem uma resposta favorável. E' bom notar que o pessoal gráfico do Mundo tem estado em manifesta inferioridade com os salários percebidos pelos seus colegas nos outros jornais.

Esta tática, de greve de braços caídos, causou certa estranheza no meio jornalístico.

Que inovação, — se inovação se lhe pode chamar, — trariam os tipógrafos dos jornais? A greve de braços caídos! Sim, a luta dentro da oficina com um só fito a atingir: «causar dano ao patrão ou seja a empresa! E isto não será lógico como natural?»

A greve de braços caídos é tipograficamente conhecida pela «greve de alombras», e vulgarmente «andar para trás», isto é, produção diminuta! E' a sabotagem consciente, posta em prática pelos operários dentro da oficina, evitando o lançar-se na greve; somente procurando prejudicar o patrão (empresa) sem afectar os que vivem do jornal e os seus leitores habituais.

A sabotagem é uma forma de luta operária que se manifesta na parte contrária em que se desenvolve uma greve, porque esta é uma luta travada fora da oficina, paralisando o trabalho. A sabotagem é uma luta exercida dentro da oficina, nas horas de trabalho, e consiste em o operário executar a tarefa, a obra, o livro, o jornal, etc., de tal modo que o patrão venha a receber o menor benefício possível.

Verificam-se estes casos, quando um patrão realisar não quer satisfazer as reclamações formuladas pelos operários, e estes não querem declarar-se em greve.

A sabotagem é posta em prática precisamente no momento em que o trabalho é mal pago, ao que corresponde pouca produção, o atraso propositado, consciente, na manufatura do jornal!

Foi o que adoptaram os tipógrafos de O Mundo!

A sua tática foi conhecida, imediatamente, pelos seus efeitos. Um representante da empresa declarou pretendendo que os tipógrafos tomassem uma atitude mais enérgica e decisiva, porque não compreendia a greve de braços caídos, na grafia, atendendo a que os seus componentes tem de trabalhar... com ambas as mãos!

Carlos INÚBIA

Conferências

Os seguros sociais obrigatórios

Na Associação de Classe União Têxtil, rua Paulo da Gama, n.º 6, 1.º, B.º, lectua hoje uma conferência, pelas 21 horas, o sr. Ladislau Batalha, que versará sobre «Os seguros sociais obrigatórios».

A principal qualidade exigida a um estadista é a factura de leis que possam ser cumpridas, e, embora sejamos contrários à função do Estado, temos que reconhecer que há estadistas de valor intelectual, como há estadistas... sem valor nenhum.

Ora os decretos ultimamente publicados sobre finanças dão tam fraca prova de conhecimentos económicos de quem os elaborou, a confusão e o disparate são tam evidentes, que não sabemos como classificar tamanha falta de capacidade.

Uma única preocupação—uma só—houve naquele trabalho, extenuante produto das luctações de uma centena de homens—criar receitas, muitas receitas, por meio do imposto!

O imposto representa o espoliamento de todas as manifestações de actividade

Em matéria económica é bastante conhecido que o imposto é o empobrecimento do povo, por ser causa do espoliamento de todas as manifestações de actividade.

Ainda que a matéria económica deva ser deduzida dentro de teorias absolutamente modernas, muito em contrario das cartapias de séculos em que os homens de estado ainda se firmam, algumas das que são para todas as épocas, e para prova esclarecemos.

OS HERÓIS DE ALJUSTREL

RECORDAÇÃO A PROPÓSITO

Relembra-se uma greve dos mineiros :: que venceu em algumas horas ::

Prossegue, sem solução, o grandioso movimento grevista de Aljustrel. Os trabalhadores continuam a mostrar uma energia inquebrantável, a energia que os levará ao triunfo.

Podê dizer-se que, do Norte ao Sul do país, o operariado tem os seus olhos postos neste conflito que a irredutibilidade irritante da companhia belga está prolongando inutilmente.

A propósito desta greve, contou-nos alguém que assistiu a uma outra greve anterior uma peripécia interessante que vamos reproduzir em breves palavras.

Fizeram os mineiros as suas reclamações que o director se recusou terminantemente a atender. A recusa irritou por tal forma os ânimos que, não sabemos como, uma agressão violenta abriu brecha na cabeça do director. Interveiu a policia, esteve a mina em estado de sítio, houve luta renhida entre os operários e a força pública do que resultou um policia morto—o conflito foi solucionado com vitória cinco horas depois da greve declarada.

Contamos este facto, não para que ele sirva de exemplo, mas porque é realmente curioso.

Pró-mineiros de Aljustrel

Convidam-se todos os camaradas que se oferecerem para tomar conta dos filhos dos luctadores de Aljustrel, a reunirem na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, hoje, às 21 horas, a fim de tomar resoluções urgentes.

Mais uma criança protegida

Comunicam-nos Artur Pedro dos Santos e Marcelino Lopes, operários alfaiates, que pretendem tomar conta duma criança de sexo feminino.

Como se vê o belo exemplo vai sendo seguido, facto que nos enche de regozijo, porquanto sabemos que deste modo não serão tam pesados os sofrimentos dos que lutam contra a tirania do capital.

As resoluções dos grevistas

ALJUSTREL, 23. — Efectuou-se ontem uma grande sessão com a presença de Gonçalves Vidal, secretário geral da Federação Metalúrgica, e Pereira Braga.

Gonçalves Vidal relatou a maneira como foi recebido pelo sr. Gerard, sub-director das minas. Disse levar a solidariedade da Federação Metalúrgica, que fará todo o possível para que o conflito se resolva, alargando-se em considerações de ordem geral que foram ouvidas atentamente pela numerosa assembleia.

Falou também Pereira Braga, que fez referências ao movimento grevista aconselhando os trabalhadores a manter-se solidários como até ao presente.

Falaram ainda outros camaradas, sendo a sessão encerrada no meio de grande entusiasmo.

O sub-director da mina mandou afixar o seguinte aviso:

«Não permitindo a situação actual destas minas aumento superior ao que foi concedido ao seu pessoal operário, sendo certo que com este aumento os salários das minas ficam em relação às condições de trabalho, a direcção convida todos os operários a retomarem o trabalho, considerando que a continuação da greve não lhes pode ser senão prejudicial.»

Em resposta a este aviso, o pessoal grevista resolveu o seguinte:

«1.º Não retomarmos o trabalho enquanto as nossas reclamações não forem atendidas e que constam do seguinte:

Metalúrgicos, 100 %; entoadores, 85%; barreiros, 80%; pedreiros, 80%; safreiros, 75%; trabalho exterior, 65%.

2.º Não se tendo a empresa regulado pelo preço das outras minas, porque auferem mais garantias do que nós o pessoal, não tendo conhecimento dos preços existentes nessas minas, não retomarmos o trabalho nessas condições.

3.º Mais declaramos que retomamos também o trabalho com as condições acima expostas, pagando a companhia os dias que tivermos em greve.»

Uma oferta aos grevistas

Lembra-se a todos os operários em greve que o sr. Joaquim Maria Gil se oferece para fazer a barba gratis, enquanto durar o movimento.

Nota das quantias recebidas

Corticeiros do Seixal, 55\$30; Alfaiates de Lisboa, 10\$00; Antonio Cortes, Lisboa, 20\$00; José Luis Pereira, S. Tiago do Cacem, 21\$05; Caixeiros de Vila Real de Santo Antonio, 35\$00; Caixeiros de Silva, 27\$50; Sindicato Metalúrgico de Lisboa, 120\$00; Mineiros do Lousal, Manuel Joaquim Maria, 55\$00; Mineiros do Lousal, Manuel Paulo, 51\$75; Moagem de Fernando Tudichum, 60\$00.

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reuniu ontem tendo apreciado o relatório do pagamento de imposto sobre transações determinadas produtos, que tem preço fixado pelo Estado.

Quere dizer, nos artigos em que o comerciante não pode elevar o preço para se cobrir do encargo para o Estado, não incide imposto; nos restantes leve o comerciante campo livre, e, quanto maior for o preço da mercadoria, quanto maior for a percentagem do lucro, maior vantagem tem o Estado do imposto arrecadado!

A natural consequência

A consequência é evidente e estamos todos nós sentindo; o custo da vida tem aumentado ao intolerável, ao impossível, e a exploração é tão clara que, desde o miserável, que tem de comprar um retalho para remendar uns farrapos que o cobrem, até ao formalista conservador, embora sem uns cobres que o amparem na primeira adversidade, não há ninguém, que não viva da exploração alheia, que se não insurja contra a ladroeira do comércio.

Uma lei impraticável

Os protestos levantados contra a carstia da vida, ou qualquer outra circunstância política de momento, parece terem levado o governo a anunciar um novo decreto limitando os lucros do comércio.

E' uma lei impraticável e está-lhe re-

PELO ALENTEJO

A greve dos rurais

Como foi solucionada — Um administrador de concelho rufia que recebe os visitantes :: com insultos ::

O camarada Jerónimo de Sousa que, ontem entrevistámos acerca dos mineiros de Aljustrel, tinha sido encarregado, quando da sua recente viagem ao Alentejo, de, em nome da C. G. T., tratar da solução da greve dos rurais de Pias, Aldeia Nova de S. Bento e Val do Vargo.

Sabedores de que a greve, devido à intervenção violenta da força armada, decorreria agitada, interrogamo-lo sobre o assunto a fim de melhor esclarecermos os nossos leitores.

— Foi então com essa fiera que vocês se bateram?

— Exacto. Discutimos durante duas horas, insultou-nos, berrou, desafiou-nos para a rua, ofendeu com palavrões as mulheres que foram à associação, o diabo!

— Ma conseguiram o vosso objectivo.

— Conseguimos.

— E' o principal.

Um caso curioso — acrescentou Jerónimo de Sousa para rematar.— Quando discutíamos com o administrador, appareceu-nos um pássinho, que não conhecemos, afirmando que o Miguel Correia tinha procurado um lavrador para lhe comprar uma propriedade. Rimos do caso. O Miguel Correia a comprar propriedades, ele que não tem dez reis para mandar cantar um cego... Afinal, viemos a apurar que se tratava de outro Miguel Correia, aspirante a revor, e grande negociante de carvão e cereais.

As autoridades sistematicamente ao lado dos lavradores

—A origem da greve—disse-nos Jerónimo de Sousa—filia-se no pedido de aumento de salário, para homens, de 7800 diários e para as mulheres, de 5800. Reclamavam ainda um aumento para os contratados, aumento que alguns lavradores aceitaram, chegando a convidar os outros lavradores a reunir e aceitar as reclamações que reputavam de justas.

—E que nos diz a atitude das autoridades?—perguntámos.

—Colocaram-se sistematicamente ao lado dos lavradores, praticando toda a qualidade de infâmias, prendendo, insultando, agredindo e encerrando-lhes a Associação.

O resultado da intervenção do delegado da C. G. T. e da Federação Rural

—Quais foram os resultados da intervenção da C. G. T. e da Federação Rural? — interrogámos.

—Alguns cousa se fez—respondem-nos.—Fomos tarde, porém, porquanto alguns grevistas já haviam retomado o trabalho, à força de agredidos. Entretanto ainda conseguimos a reabertura da associação de Pias e a entrega do alvará que tinha sido retirado à de Val de Vargo. Conseguimos um acordo entre os trabalhadores e os lavradores. Mas para conseguí-lo passámos — as passas do Algarve.

—Conte-nos lá isso.

Jerónimo de Sousa ageitou-se melhor na cadeira e principiou:

—Procurámos primeiramente o governador civil de Beja com quem tentávamos tratar do caso. Por infelicidade não o encontramos, pelo que fomos obrigados a seguir para Serpa, a fim de falar com o administrador do concelho.

Um administrador rufia que desafia os delegados para a pancada — Uma confusão

Aqui o camarada Jerónimo de Sousa deteve-se um momento para nos excitar a curiosidade. Endireitou aquele laço branco que todos lhe conhecemos e ficou silencioso.

— Então, como se deram com o tal administrador? — perguntámos, ansiosos.

—Deixem-me cá! Acompanhados, eu e o delegado da Federação Rural, por uma comissão de grevistas, procurámos

Uma reclamação atendida

Do chefe interno da estação telegrapho-postal de Silves, sr. João Gonçalves Baptista, recebemos a seguinte carta que gostosamente reproduzimos:

«Sr. Director de A Batalha. Lisboa. Tendo o vosso jornal publicado ontem uma correspondência de Silves, que tratava do serviço da condução das malas, informo que estão tomadas todas as providências da minha parte para que o serviço seja entregue a outro arrematante.

Quanto ao relógio — adianta-se por sua natureza cerca de quinze minutos por dia, acertando-se freqüentes vezes. Silves, 23 de Outubro de 1922.»

ECONOMIA ÀS AVESSAS

OS DECRETOS SOBRE FINANÇAS

ONDE SE EXPLICA A INEFICÁCIA DO IMPOSTO, COMO ELEMENTO DE SALVAÇÃO ECONÓMICA E O BOM E O BONITO QUE A SEGUIR SE LERÁ

No art. 3.º do decreto 1368 ficam isentos do pagamento de imposto sobre transações determinadas produtos, que tem preço fixado pelo Estado.

Quere dizer, nos artigos em que o comerciante não pode elevar o preço para se cobrir do encargo para o Estado, não incide imposto; nos restantes leve o comerciante campo livre, e, quanto maior for o preço da mercadoria, quanto maior for a percentagem do lucro, maior vantagem tem o Estado do imposto arrecadado!

Só os carteiristas, os gatu-nos e os comerciantes escapam ao imposto

Pelos decretos publicados a soma de impostos é de tal forma onerosa que a existência só pode ser sorridente para quem viva à custa alheia. Não há ramo de actividade que não seja atingido na rede da sua emaranhada teia; são dela excluídas, apenas as profissões não aceites como regulares, tais como carteiros e gatu-nos e os comerciantes.

Não se encontra naqueles decretos, por mais que se procure, naquela amalgama de artigos e parágrafos, em brigas uns com os outros, uma única disposição que colete aquelas ocupações, exceptuando a comercial, mas a esta, propositadamente, deixou-se-lhe a porta aberta, para a pôr ao abrigo do encargo.

Não fazemos afirmações abstractas, e para prova esclarecemos.

servado o destino das anteriores; não atinge o fim visado pelo Estado e há-de conceder vantagens para o honrado e patriótico comércio, que de tudo se sabe aproveitar para obter lucros, e se não veremos.

A tal lei a publicar, limita o máximo de 10 % para lucro liquido do comerciante.

Como é feita prova do custo da mercadoria?

Qual é mesmo o comerciante que possa ter a sua contabilidade tão precisamente arrumada que lhe permita achar o coeficiente de encargos gerais sobre a mercadoria que vende, para conhecer o seu custo liquido, tendo em conta renda de casa, ordenados, impostos, luz, juros, etc., etc?

Dentro de um critério justo, onde vai ele buscar a parte correspondente a perdas por deteriorações, vendas a crédito incobráveis e desvalorizações?

O que se entende na lei por lucro liquido?

Pode por-se em execução uma lei com tais disposições? Impossível.

Qual o resultado da impraticabilidade da sua execução?—a mais ampla liberdade de comércio, a confiança ganha por este pela impossibilidade da fiscalização, que o anima ainda a maiores cometimentos, e o povo a gemer debaixo da sua usura, da sua tralicancia, da torpe exploração.

Não é por meio das baionetas que se resolvem crises económicas

Mal se vai quando a tempo se não evitam protestos genuinamente populares. Estes não se limitam a arruaças e revoluções para deitar abaixo um governo, e que terminam dois ou três dias depois da sua eclosão.

Cuidado, pois, com tais protestos. Quando o povo se dispõe a vir para a rua em busca do pão que lhe falta; quando a massa popular clama vingança contra os algozes que o reduzem à extrema penúria, o momento é muito grave, muito delicado, e não é com facilidade que se acalmam os espiritos, nem se podem evitar actos violentos.

E não é dizimando a metralha o povo revoltado, constituído na maioria pela parte mais útil da população, pela que trabalha, pela que produz, que se remediaram crises económicas; e são estas medidas quasi sempre seguidas pelos governos de todos os Estados burgueses. Acorda-se à situação bastante grave, proceda-se inteligentemente, mas não com decretos que proteccionem a torpe exploração comercial.

António NORMANDO.

Ler na 3.ª página, o folhetim «O TRABALHO»

Conclusão)

Fala-se de outro modo na Rússia

Envia-se Losovsky a Saint-Etienne a pronunciar-nos um discurso que me parece análogo ao de Frossard. Parece-me que como se fala na Rússia. Parece-me que com esses discursos se queria captar a Internacional! Esses discursos assemelham-se às arengas socialistas e comunistas em vésperas de eleições, quando querem o voto dos operários. Se há operários revolucionários pronuncia-se um discurso revolucionário; se há pequenos burgueses, procura-se atenuá-lo um pouco para lhes arrancar do mesmo modo o voto.

Estamos em vésperas de eleições quando Frossard nos fala como acaba de fazê-lo?

Acaso nós viemos da lua? Acaso não temos lido as teses e os livros comunistas? Losovsky disse-nos que estamos livres de fazermos a revolução como quizermos. Precisou-se-nos que seremos livres de comer *chouroute* ou batatas, que não se nos imporia o comer como se come na Rússia... Oh, que bondade, que graça e que ingenuidade! Belo! Mas não se coaduna com esta questão.

Os camaradas Mayoux e Totti que estão ameaçados de expulsão do partido comunista, estão-no por causa do *chouroute* ou das batatas? E' porque se pretende impor-lhes que trabalhem na submissão do sindicalismo ao partido comunista? Isso, é uma prova prévia, da futura ditadura!

Borghi explica a conduta de Totti

A propósito de Totti deixem-me dar algumas explicações com respeito à sua atitude em Roma e também da sua atitude, assim como da C. A., no assunto da conferência de Berlim.

Totti foi a Roma. Censurou-se-lhe isso. Acusam-no de nos ter impedido de sair da I. S. V. E' mentira.

Totti observou em Roma uma atitude de neutralidade. Em certos momentos pareceu-nos a estátua de sal. Não duvidamos da firmeza das suas ideias. Hoje devo reconhecer que a sua atitude para ser escrupulosa e honesta, não podia ser distinta, e digo: «Totti, obraste bem, fizeste bem».

Depois, quando Vecchi solicitou intervir na Conferência de Berlim, a C. A. declarou que lhe reconhecia esse direito. Dado o que o conhecia a C. A., a sua resposta era lógica. Mas a U. S. I. mostrou a situação à C. A. e esta reconheceu que nós tínhamos razão.

A *Vie Ouvrière* publica que em Berlim estava a fracção Borghi da U. S. I. Italiana. Compreendo que Monmousseau muda de ideias. Ele mesmo me disse: «Não sou aquele que chestei em 1919». Pouco importa. Tenho visto muitos dos meus amigos depois de uma sucessão de anos; tinha-os visto e tornei a encontrá-los doentes. Alguns morreram.

Não me resta se não constatar que há mais um caso. Monmousseau caiu enfermo de uma enfermidade de ideias. Se pudesse, como ante outros enfermos, trazer-lhe-hia os meus cuidados de boa vontade, algum medicamento; mas, se o recusa só me resta constatar o facto; dizer: «Eis um amigo que vai morrer».

¡Pobre Monmousseau! Mas se Monmousseau muda de ideias não tem direito a publicar na *Vie Ouvrière* mentiras que trocam a verdade dos factos. E quando fala na fracção de Borghi em Berlim, a *Vie Ouvrière* mente. Em Berlim estava a União Sindical completa.

Está aqui comigo António Negro que junto com Bonazzi assistiu a Berlim.

Ele não é um anarquista; não tem a mancha que Monmousseau vê em todo

o sindicalismo. Quando Monmousseau mudou de cor, faz como os religiosos negros que imaginam o diabo branco, assim como os religiosos brancos o imaginam preto.

Pois bem, Negro, Bonazzi e eu fomos nomeados pelo conselho nacional regular da União Sindical Italiana no qual Vecchi e os quatro que o seguem quiseram intervir, se não que convidaria as demais secções da U. S. I. a não intervir—o que teve o efeito oposto.

¡Agora pensa! congressistas organizadores e organizados, se indivíduos que não são estão voluntariamente ausentes dos órgãos deliberativos da U. S. I. como também não levantaram as suas cadernetas de 1920 poderiam ser considerados como uma minoria da U. S. I. Na realidade estão fora da U. S. I. e contra ela.

Pois bem, é com este género de minoria que a C. G. T. russa se solidarizou em Berlim. Pensa! um pouco no que faríeis vós próprios de uma tal minoria se algum dia a tivésseis.

Moscóvia deseja a aliança com os reformistas

Veltemos à Rússia. Examinou-se a Moscóvia a possibilidade de constituir a nova Internacional Sindical. Mas então não era a nós que se buscava em Itália.

Buscava-se a Confederação para não afugentar o partido socialista.

Agora que a scisão produzia no par-

tido, quer-se que nós entremos na Confederação—quer dizer, em Amsterdam—para permitir ao partido comunista apoderar-se como ditador do movimento operário e esmagar o sindicalismo.

Quando cheguei a Moscóvia a C. G. T. Italiana tinha dado a sua adesão à III Internacional. Protestei e disse que se se queria iniciar o trabalho a favor do movimento revolucionário proletário, não havia que começar com os reformistas. Tiveram-se largas discussões; fizeram-me chamar a casa de Lênine, a casa de Bukarine, etc... Disse no último momento:

«Considero D'Aragnon e os seus como inimigos da revolução». Mas desde que temos estudado o projecto de estatutos da nova Internacional, tenho visto bem que a nossa autonomia depende da nossa rebelião. Não tenho aqui o projecto de estatutos, que foi publicado em diferentes periódicos, como o *Libertaire* de Paris, mas sei que se dizia no parágrafo 7 que para estar à cabeça dessas organizações nacionais ou locais era preciso, ou estar inscrito no partido comunista, ou, se não estava inscrito, ter a autorização, com o visto do comité director do partido comunista desse país. Esta é a tua posição, Monmousseau.

Tinha-se razão ao dizer que a nossa independência estava em relação com a nossa rebelião. Camaradas, eu rebeli-me. A Tromsky, adjunto de Losovsky—este último encontrava-se na Alemanha—disse-lhe: «Não!» Foi Rosmer quem firmou o projecto de estatutos,

parágrafo 7, referente à organização operária que desejasse aderir a Moscóvia. Rosmer aceitava já as fórmulas de Moscóvia. ¡Tinha cessado de ser um imbecil latino!

Camaradas, depois de tudo isto, compreendemos bem que existiam ante Moscóvia as mesmas relações que existem com os patrões.

Declarámos então: ponhamos a questão da revolução de parte para tratar de trabalhar pela Internacional Sindical não somos nem juizes nem inimigos; somos simplesmente revolucionários que constatarem uma situação.

Ontem disse-nos Frossard: «Tende-vos solidarizados com a revolução no momento em que triunfava, hoje critica-la porque atravessa um momento difícil». Não, camaradas.

Nos temos defendido a revolução nos seus momentos difíceis e não temos feito eleições em nome da Rússia. Temos lutado como vanguarda revolucionária, temos semeado as ruas de camaradas mortos, temos centenares de companheiros nas prisões, ocupamos as fábricas em setembro de 1920 contra a Confederação reformista, e apesar dos chefes dos partidos socialistas. (Aplausos).

Nessas circunstâncias temos visto bem a nossa posição entre os reformistas e os revolucionários ditadores. Em Milão a Confederação Geral do Trabalho e o Partido Socialista disputavam por saber quem dirigiria o movimento, a C. G. T. dizia: «Eu quero dirigir-lo, eu, mas não no sentido da revolução porque sou

reformista». O partido dizia: «Queremos dirigir-lo nós, mas com os sindicatos». ¡Eis aqui a verdadeira ditadura do proletariado segundo o dogma comunista do partido! Não nos erigimos em juizes da Rússia. Mas não nos podemos obrigar a que não distingamos entre 1919 e 1922 e a ter por Tchitcherine a mesma admiração que temos pelo rei de Itália.

Dizem-nos: «Os acontecimentos assim o quiseram, era fatal». Não negamo-não discutimos isso. Respondemos: E' fatal também que nós façamos uso da nossa liberdade de acção. Não somos nem inimigos nem juizes da revolução russa; mas tampouco somos cegos que se empenhem em ignorar a verdade.

E' necessária uma Internacional Sindical independente de toda a política

E' então aqui a nossa nova posição. Eis-nos na Conferência de Berlim. Em plena independência do governo russo buscamos o contacto com os sindicatos russos e encontra-los-hemos. Losovsky disse-nos que os sindicatos são solidários com o governo. E' isso o que para nós é um obstáculo ao livre movimento dos sindicatos da Rússia e para a luta emancipadora do trabalho que deve ter (é uma questão de força, disse o próprio Losovsky) para a menor quantidade de Estado possível. Mas desse modo «Que Internacional fazeis? Falais muito da I. S. V. e das grandes massas. Agora bem, se quereis na I. S. V. as massas reformistas estas não vão. ¿Quereis a C. G. T. francesa? Está em Amsterdã. ¿Quereis a U. G. T. de Espanha? Está em Amsterdã. As grandes organizações alemãs e inglesas estão em Amsterdã.

Ide, pois, a Amsterdã se vos preocupais só com as grandes massas. Em todos os países, ao contrário, e na América do Norte (I. W. W.), na Ar-

gentina, no Brasil, em Portugal, na Suécia, na Noruega, etc... tendes organizações sindicalistas que não querem saber nada das Internacionais de partidos com laços governamentais, quer que eles sejam. Para estabelecer as nossas, que vos agrade ou desagrade, posso dizer-vos que depois de ter feito todas as constatações, depois de ter lido todos os folhetos, teses e estatutos, porque não fomos nós que lhes recusamos o livre exame, fomos vós os homens, as coisas, os livros, e depois de tudo isso, depois da conferência de Berlim, onde vimos bem que tratais de desagregar o sindicalismo, podemos assegurar-vos que não se refere a Itália não marcharemos com Moscóvia.

Os italianos não irão a Moscóvia nem pelo Mar Báltico, nem pelo Mar do Norte. Eis porque dissemos em Berlim que poderíamos convocar a Rússia Sindical, considerando-a como independente do seu governo. Sem embargo dissemos também: «Por agora, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; contudo não a consideramos independente da Conferência de Berlim».

Depois, em Berlim, dissemos: «Convoquemos todas as centrais aderentes a Moscóvia numa cidade da Europa e poderemos discutir mas sobre um plano de igualdade. Livre cada qual de julgar o governo russo como lhe dê vontade, não nos faremos unidade com as forças que aderem a Moscóvia mas que independentemente de todos os partidos, sem nenhum compromisso, sem influência alguma governamental de qualquer grau que seja sobre a Internacional operária sindical. Nada mais das forças sindicais, sim. Nem forças de partido, nem forças de exército, nem forças de governo, nem forças desse di-neiro que gastam os bolcheviques para propagar na Europa todas as palavras de ordem que tendem a matar, a dividir e a desagregar o sindicalismo internacional. (Aplausos).

NO PALCO DO PATRIOTISMO
O REGRESSO DOS AVIADORES

A recepção aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral vai ser uma comédia patriótica muito apreciável

Como se disse, amanhã à chegada dos aviadores será organizado um cortejo marítimo que acompanhará o vapor *Pôrto* desde fora da barra até ao fundeadouro. Nesse cortejo tomam parte os contra-torpedeiros *Douro*, *Vouga* e *Tejo*. No Bom Sucesso será o *Pôrto* esperado pelo submarino *Espadarte*, torpedeiro *Ave*, vapor *Rail Cascais* que conduzirá a família do contra-almirante Gago Coutinho, embarcações das sociedades de «sport» marítimo, quatro vapores do Arsenal da Marinha, dos quais um fica às ordens da família do comandante Sacadura Cabral, embarcações particulares, etc.

Todas estas embarcações embandeiradas tomarão parte no cortejo até ao Terreiro do Paço em frente ao qual o *Pôrto* fundeará pelas doze horas. Também os aviões do exército e da marinha, evolucionarão sobre o vapor *Pôrto* acompanhando-o até ao fundeadouro.

O ministro da marinha irá a bordo do *Pôrto* receber os aviadores, às ordens dos quais ficará o segundo tenente sr. Eduardo Pereira Viana.

Um vapor à disposição da imprensa

O ministro da marinha, por intermédio do Departamento Marítimo do Centro, convidou todos os proprietários de barcos e agentes das companhias de navegação a mandarem embandeirar em arco ou nos topos as embarcações que se encontrem no porto de Lisboa e a incorporarem-se, as que o possam fazer, no cortejo, desde o primeiro fundeadouro do vapor *Pôrto*, em Belem, até em frente do cais das Colunas, trajeto que deve ser feito entre as 11 e 12 horas.

O ministro da marinha mandou pôr à disposição da imprensa um vapor, a fim de que esta possa assistir à chegada dos aviadores.

O vapor largará do Arsenal às 8,30, tendo sido dadas instruções à direcção dos serviços marítimos para facilitar o embarque dos jornalistas.

Os membros do Congresso da República, fazendo uso de bilhetes de identidade, e os oficiais de terra e mar, fardados, têm livre ingresso num recinto reservado junto ao cais das Colunas onde podem aguardar o desembarque dos aviadores.

A Associação de Socorros Mútuos «Fraternidade Naval» encorpara-se no cortejo e convidou os seus associados para acompanharem os corpos gerentes no referido cortejo.

Os contra-torpedeiros *Vouga*, *Douro* e *Tejo* e quatro hidro-aviões aguardam o vapor *Pôrto* nas águas territoriais.

Os contra-torpedeiros seguem hoje de tarde para Cascais.

Um maneio complicado dos navios de guerra

Quando se avistar o *Pôrto* os navios de guerra fundeados em Cascais aproximam-se-hão dele e tomarão as seguintes posições em relação ao *Pôrto*: *Vouga* na proa, *Tejo* alheta de bombordo *Douro* alheta de estibordo.

O *Pôrto* deve fundear de frente de Belem, bem como os três navios de comboio, amanhã às 10 horas, embarcando ali o ministro da marinha no vapor *Pôrto*.

Os navios do Estado embandeirarão em arco às 10 horas.

Quando o *Pôrto* suspender para seguir para o seu fundeadouro em frente do Terreiro do Paço aonde deve estar às 12 horas, os navios de guerra do comboio acompanhando-o não seus movimentos e seguirão na ordem acima determinada, incorporando-se no comboio em Belem pela pópa do *Tejo* ou *Espadarte*, pela pópa do *Douro* ou torpedeiro *Ave* e na pópa deste o vapor *Rail Cascais*, seguindo-se as embarcações de esporte marítimo, os vapores do arsenal, com a família do comandante Sacadura Cabral, imprensa e com a banda que vem no *Pôrto* e que desembarca logo a seguir ao desembarque

No teatro Nacional—De Herodes para Pilatos

A força de marinha que fará a guarda d'honra na praça do Comércio deve ali estar às doze horas e meia e logo que o sr. presidente da república sair do Pavilhão seguirá para o teatro Nacional a fim de ali prestar as devidas honras ao chefe do Estado.

Os aspirantes da armada formarão junto à tribuna presidencial, seguindo logo que da tribuna saia o presidente da república, para junto do pavilhão armado próximo da rotunda da avenida onde prestará honras aos aviadores. Estes serão recebidos na praça do Comércio pelo presidente da república, governo, senado, deputados, câmaras municipais, sociedades científicas do país; ali organizar-se-há depois um cortejo no qual irão os aviadores e as entidades convidadas para esse fim e seguirá directamente para a câmara municipal, onde aos aviadores serão dadas as boas vindas e medalhas de ouro pelo seu presidente. Uma deputação da sociedade de geografia irá à câmara buscar os aviadores que seguirão depois na frente do cortejo.

O presidente da república assistirá da varanda do teatro Nacional à passagem do cortejo, o qual seguirá a pé a dar a volta ao pavilhão armado na rotunda, passando sob o arco da rua Augusta, Rossio e Avenida, pavilhão onde se encontram os aviadores a assistir ao desfile do cortejo que dispersa. Os aviadores e convidados vão então para a Sociedade de Geografia cuja direcção os felicitará pelo êxito científico do seu glorioso empreendimento.

Os navios de guerra iluminarão à noite.

O oficial que fica às ordens dos aviadores embarca no vapor *Pôrto* juntamente com o sr. ministro da Marinha.

O local reservado no Terreiro do Paço para os oficiais da armada fica situado do pavilhão ingressando pelo lado este.

Foram convidados os oficiais, sargentos e praças a incorporarem-se no cortejo. Amanhã há tolerância de ponto nas repartições do ministério da Marinha.

Uma marcha dedicada aos aviadores

O coronel sr. José Lebre escreveu uma marcha intitulada *Águias Lusitanas* que dedicou aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Esta composição está escrita para piano e será exposta à venda, no estabelecimento de música da capital, no dia do regresso dos aviadores.

A referida marcha será executada durante os festejos pela Banda do Corpo de Marinheiros da Armada, cujo chefe, o professor Artur Fão, a instrumentou.

Leonardo Coimbra discursará

O dr. sr. Leonardo Coimbra aquiesceu ao convite que lhe foi feito pela Câmara Municipal de Lisboa para fazer o discurso de homenagem aos dois aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

—Está-se já procedendo à decoração do edifício da câmara para a sessão de homenagem aos dois aviadores.

Completam a decoração, uma exposição de crisântemos criados nos viveiros e jardins municipais.

—Só será permitida a entrada no edifício da câmara, no dia da sessão de homenagem aos aviadores, a quem apresentar bilhete de convidado passado pela mesma.

Lêr TRABALHO, na 3.ª pág.

Teatro Salão Foz

Empresa EMAUZ

Companhia Beatriz de Almeida de que é director gerente Jaime Zenóglis

A'manhã—A's 21,15 admira-vel interpretação de

Beatriz de Almeida

O José do Egypto

Suspensas as entradas de favor

T. M. E.

O pessoal das oficinas foi despedido abruptamente

Mais um dos muitos funestos resultados da péssima administração do Estado. Os Transportes Marítimos, agora em funéria liquidação, não podiam baixar à cova sem ferir o operariado.

Desde sábado que, abruptamente, sem a menor consideração, como quem escorraça cães vadios, que o Estado está pondo à margem os operários das oficinas dos T. M. E.

São, até hoje, cento e cinquenta homens despedidos. Os últimos foram postos na rua repentinamente, de surpresa, sem mais explicações, ontem ao meio dia.

Procurou-nos ontem uma grande comissão desses operários que protestou contra os despedimentos. Essa comissão esteve ontem no parlamento e expôs as suas razões, que são muitas.

Muitos deles não possuem ferramentas, que ficaram inutilizadas nos últimos incêndios, encontrando-se por tal motivo impossibilitados de procurar trabalho em qualquer outra parte. Alguns velhos, que deram os restos dos seus esforços ao Estado, foram também escoraçados.

No parlamento foi-lhes respondido que o caso seria entregue a uma das muitas comissões—cuja missão é eternizar a resolução de qualquer assunto—o que indignou os referidos operários, por quanto eles já sabem que jámais verão a sua situação resolvida.

MANUEL MARIA

Realiza-se hoje o seu funeral pelas 14,30 horas

A comissão que trata do funeral do camarada Manuel Maria, comunica que o mesmo se realiza hoje, às 14,30 horas, saindo do edifício da Morgue para o cemitério do Alto de S. João.

Convida a mesma comissão a fazerem-se representar no préstito funebre todos os sindicatos de Lisboa, com os seus estandartes e bandeiras, para que a homenagem a prestar assumam um carácter retintamente social.

Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Efectuando-se hoje o funeral do camarada desta indústria Manuel Maria, alvejado a tiro na rua 1.ª de Dezembro, este organismo tendo em atenção a acção por este camarada desenvolvida em todos os transes de luta porque a organização operária tem passado, à qual revolucionariamente deu o melhor do seu esforço, apela para os componentes desta indústria, em especial, e para o proletariado em geral, no sentido de se incorporar no cortejo, dando assim com a sua presença a mais concludente manifestação de repulsa pelo acto que vitimou tam prestimoso camarada.

Aos fabricantes de calçado de Lisboa

Realizando-se, hoje, o funeral do nosso desditoso camarada Manuel Maria, o Sindicato dos Fabricantes de Calçado o convida por este meio a classe a incorporar-se, assim como todas as classes operárias organizadas, fazendo-se acompanhar com as respectivas bandeiras.

Outros convites

Também fazem convite para os respectivos componentes tomarem parte no funeral, além de outros, o S. U. da Construção Civil, o Núcleo da Juventude Sindicalista, a Secção Mobiliária da Juventude Sindicalista e a Troupe Artística «Os Jovens Pirangas».

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIAL DA FEDERAÇÃO MARÍTIMA

A Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, cumprindo o mandato que lhe foi entregue para solução do conflito das classes de longo curso, prô aumento de salário, avistou-se ontem com os armadores, saindo dessa entrevista a prova evidentiíssima de que aqueles senhores não transigiam até ao ponto mais racional para a solução do conflito.

A Federação tratou imediatamente de fazer reunir na Associação dos Calceiros, em sessão magna, pelas 16 horas, as classes de longo curso.

Ali os camaradas Aguiar e Moreira fizeram a descrição das *démarches* havidas, fazendo sciente à assembleia de que os armadores tinham levado as suas ofertas a 70 escudos e cinquenta centavos.

A assembleia ficou surpreendida com a pouca vontade que os armadores mostram em terminar o conflito e depois de vários camaradas fazerem uso da palavra, foi por fim resolvido unanimemente que a Federação ficasse com plenos poderes para solucionar o conflito, tendo sempre em linha de conta os camaradas dos navios de vela e as razões.

Hoje deve a Federação avistar-se novamente com os armadores para ficar assente a solução definitiva do conflito aberto.

Foi bastante reparado a notícia de um jornal na qual se afirmava que a Federação Marítima procurou um vult de destaque para servir de intermédio nesta questão, afirmação falsíssima porque a Federação não admite dentro do seu seio individualidades estranhas à mesma para resolver os assuntos que lhe são confiados.

Em Setúbal

Operários das fábricas de conservas

Continua indefectível a greve destas classes. A segurança e boa disposição dos grevistas é absoluta. Do Barreiro, Seixal, Aldegaia, Alhos Vedros e todo o Ribatejo, tem sido recebidas comunicações muito animadoras sobre a solidariedade nas cargas e transportes de conservas.

Na assembleia de anteontem, a comissão de melhoramentos, em face da irredutibilidade da classe patronal, apresentou a sua demissão, sendo entregue a direcção do movimento a um «comité» especial que já tem montado um serviço de comunicações por sub-comités em vários pontos, a fim de ter garantida a vitória desta luta.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: O «comité» que hoje inicia a sua missão orientadora desta greve, saúda todos os que neste momento lutam contra a renitência daqueles que se mostram apostados em os reduzir pela fome.

Há perto de dois meses que iniciámos a nossa luta, e se os senhores da indústria de conservas alguma vez supuzeram que seria fácil o nosso esmagamento, devem ir-se desiludindo.

Acosados pela fome campeante em nossos lares, reivindicamos o direito de vida para as nossas proles; acinhalados e atacados na nossa dignidade, não temos lutado e continuaremos lutando porque mais nos respeitem aqueles que só do nosso esforço vivem.

A sua maldade, a sua perversidade encontrarão em nós forte barreira, até que os seus cérebros, obliterados pela ganância do lucro, reflitam que do estado de excitação a que nos conduzem não seremos os mais prejudicados.

Dois, três, quatro meses que a nossa luta dure, que resultado nos trará? Infelizmente o aumento das necessidades nos nossos lares...

Mas, todos nós, o que lutamos por mais pão e com dignidade, sabermos lançar mão de tudo que é acessível a criaturas que conhecem o seu valor e que se sentem acosados pela fome, provocada por indivíduos menos escrupulosos que do trabalho só conhecem a exploração, e cuja sorte não se cimentada em suor e sangue dos seus escravos.

Ah! que se essas criaturas ponderassem friamente a situação a que se conduzem e nos levam, talvez que refreassem um pouco os seus ímpetos...

A sua renitência gera a fome; da fome resulta, naturalmente, a excita-

ção; e a excitação conduz muitas vezes a actos cuja responsabilidade só pertence a quem os provoca!

Dessa excitação e indignação, alguma coisa fica e, talvez que em breve, os industriais se convençam do quanto lhes é prejudicial ter o pessoal nas fábricas depois de o forçar a uma luta.

Só a atitude provocadora dessas criaturas, que vão ao ponto de não querer aceitar comissões medianeiras, se deve a intervenção deste «comité» que, apoiado na disposição da classe que representa, desde já lhes indica o caminho da vitória.

Poderão alguns *criaturinhos*, como esse industrial que dá pelo nome de Francisco Fernandes Costa, ex-socialista, e hoje *sucialista*, continuar a manusear os seus colegas, incitando-os à renitência, que jámais este punhado de homens lhes satisfará os seus baixos desejos.

Em breve nós demonstraremos a que inconscientes desejos obedecem os causadores deste conflito.

Entretanto, grevistas de Setúbal. Continuai lutando pelo pão dos vossos filhos e pela vossa dignidade, e bradai aos vossos exploradores: Viva a Solidariedade Operária! Vivam todas as classes em luta! Viva a C. G. T. Viva a Batalha!

O Comité Central. Em Almada

Operários cerâmicos de Palença

Uma comissão delegada da respectiva Federação e do S. U. C. Civil de Almada, deram conta das *démarches* efectuadas em Lisboa, junto dos proprietários da fábrica em litígio, numa assembleia magna que se realizou no domingo na sede do S. U. C. Civil de Almada.

Em consequência dos proprietários declararam que a resolução do assunto depende do gerente da fábrica, os operários na sua reunião, deliberaram nomear uma comissão para se entrevistar com os ditos srs. a fim de solucionar o conflito com satisfação para os camaradas em luta.

Os operários tornaram a reunir ontem, pelas 20 horas, para a comissão que entrevistou o gerente da fábrica dar conta do seu mandato, na presença dos delegados da Federação e Sindicato, usando da palavra um dos comissionados que declarou que o gerente não podia dar aumento de salário devido à baixa de câmbio, aconselhando os operários a retomar o trabalho que em parte seriam atendidas as suas reclamações.

A comissão declarou que de modo nenhum podia aceitar tal plataforma sem a sanção da assembleia, resolvendo a mesma não retomar o trabalho, sem as suas reclamações serem integralmente atendidas.

Foi encerrada a sessão no meio de

grande entusiasmo com vivas à C. G. T. à *Batalha* e à organização operária em geral.

E' convidada a comissão de *démarches*, a enviar um delegado à sede da Federação, hoje, pelas 18 horas, para assunto urgente.

Em Castelo Branco Operários corticeiros

CASTELO BRANCO, 23.—C.—Está declarado o «loc-out» pelos industriais corticeiros, a fim de fazerem render os operários pela fome!

Mas não será fácil, por que a organização operária há de saber afirmar mais uma vez a sua solidariedade, e por que aos grevistas lhes cabe a razão e portanto a razão nunca pode ser esmagada. Hoje, segunda-feira, primeiro dia da segunda semana de greve, nem um só operário se aproximou das roças malditas, onde horas tam amargas tem passado. Que belo moral está! Pois apesar dos *trucs* dos industriais, os operários não desanimam.

Hoje, na reunião da noite, foi constituído um comité que tomou conta do movimento, terminando assim as comissões.

Em Viseu Operários alfaiates

VISEU, 23.—C.—Ainda se encontra sem solução, devido à criminoso intransigência dos industriais, que, chefiados agora por um antigo conspirador, pretendem levar os seus operários a praticar actos que possam justificar represálias por parte das autoridades, o movimento iniciado há 15 dias.

Nem por isso os grevistas esmorecem. Abriram na sede da associação uma oficina sindical e encontram-se dispostos a vencer, custe o que custar, e demore a vitória o tempo que demorar.

Subscrita por 3 industriais, apareceu agora num periódico local uma pretensa «mas infeliz defesa daquilo a que chamamos os seus direitos».

A VIDA CARA

Sopa de carne com toucinho e chouriço

História completa duma roubalheira vulgar com por-
menores imprescindíveis para estreitar o leitor

Na mercearia Francisco Rua Viana, da Praça do Loreto, vendiam-se, há 2 meses, umas latas de capacidade de um litro, com diversas comidas preparadas, custando oito tostões cada uma, o que se podia chamar pipa fina, ao alcance de todas as bolsas e muito boa para todos os estômagos.

Com engano de alma ledo e cego pouco durou essa pechincha e as tais latas desapareceram do referido estabelecimento, como se por lá tivesse passado uma praça de comilões ou assambradores que as devoraram.

Eis senão quando lá dois ou três dias numa mercearia da travessa de S. Nicolau, deparou-se-me uma verdadeira montanha das latas em questão, acompanhadas dum placard com os dizeres que vão estampados mais acima e o respectivo preço de 2\$00 (dois escudos) cada uma, o que me se afigurou ser uma roubalheira como qualquer outra porque, ao artigo, sem dúvida, é o mesmo que na sobriedade mercearia do Loreto se vendia a oito tostões cada lata, é de supor que sem prejuízo para o dono da casa.

Como é, pois, que se explica que em dois meses a mercearia em questão tivesse um aumento de cento e cinquenta por cento?

Será pela descaída da libra e pela consequente melhoria dos câmbios, devido à qual e segundo todos os índices a libra vai encarecendo, à proporção que o câmbio vai melhorando?

Francamente não encontro nem parece fácil de encontrar a explicação deste fenómeno, assim como não se explica que algumas mercearias vendam o bacalhau a 3\$50, o quilo, e o vendam outras, inferior, entre 5\$00 e 5\$60.

Segundo li no *Diário de Notícias* vai sair um decreto criando em todas as comarcas do país outras tantas comissões repressivas do assambramento dos gêneros, funcionando como tribunais especiais para o julgamento e punição dos benemeritos a cujo número avultadíssimo pertence o honrado mercetiro da sopa de carne com chouriço e toucinho, ali da rua de S. Nicolau e os quais o sr. António Maria da Silva chama «personagens» quando, em conversa amena, se ocupa de suas excelências.

Lá que o decreto a que me refiro, sobra assada, no papel, não há dúvida.

Mas do papel à prática é que a porca force o rabo, com licença de vossas se-
nhorias e do sr. presidente do ministério.

Cá pela minhas contas, se a *personagem*, colhida nas malhas do tal decreto, for «homem republicano», ainda que paralelamente um refinadíssimo gatuno, não se tocará nem com uma flor e poderá prosseguir à vontade no exercício do seu honrado comércio.

Outro tanto sucederá se o *personagem*, ainda que não seja «homem republicano» for armazeneiro ou mercetiro fôrdo e cachuchado, noutros tempos fornecedor da casa real e hoje aderente à república, como amanhã seria aderente dos sovietes, à condição de o deixarem negociar à sua vontade.

Por falta de leis não foi, decerto, que a carência da vida chegou ao estado de perfeição em que se encontra.

Leis protectoras do consumidor tem havido uma tal abundância delas, que andam por aí aos pontapés sem se lhes ligar a mínima importância.

Por via de regra e de maneira geral as nossas leis são boas, para sofismas ou converter num retorquido corno em que o povo chupa como um danado, como as creanças chupam no dedito ou na rã que lhes dão para entrete-las ou lhes fazer perder o vício da mama.

Numa carta à família dizia o galego: «A terra é boa, a água é deles e a gente vende-lha».

Aplicando o conto ao caso, os assambradores e toda a pirataria do baldo, dizem o mesmo que o galego, pensando exactamente como éle:

«A terra é boa, as leis são magníficas, mas a gente está-se cagadista para a terra e para as leis e vai vendendo tudo, pelo preço que quer».

Assim é que está certo.

Com os *personagens* não há governo que meta dente, ou cal o Carmo e a trindade com os protestos das forças do filho vivo.

Mas enfim, o que havemos de fazer? Sofrer com paciência e resignação as fraquezas dos nossos governantes, chutar no corno e ir gramando a sopa de carne com chouriço e toucinho do *personagem* da Rua de S. Nicolau, pagando-lhe a dois mil réis o que o seu colega do Loreto vendia há dois meses a oito tostões.

Tanto nos roube essa corja que recentemente com uma pançada de notas do banco.

E há de rebentar.

Que a levem seiscentos diabos.

Entretanto, amigo consumidor, vamos fazendo mais umas greves e reclamações de aumento de ordenado para arranjar dinheiro para esses benemeritos e, à falta de melhor para metê-los na ordem, fiquemos de palanque a ver o que sai do tal decreto que há de ser obra accada, a julgar pelos antecedentes, a menos que, por excepção de regra e desta vez o camaradinho *personagem* apanhe um bom entalão que lhe tire a gana de nos roubar como tem feito, envenenando-nos, ainda por cima e impingendo-nos toda a sorte de mixórdia pelo mais alto preço, como está fazendo um *personagem* refinado que importa sal refinado de Aveiro para misturá-lo ao açúcar, sem se dar por isso, acrescentando que não me quizeram dizer o nome desse cavalheiro de indústria, que, de resto, não está à espera dos lucros desse negócio para ser rico porque já o é, à custa de outros negócios que fez.

Para isto, creiam, não há leis possíveis, nem imagináveis.

Há só uma coisa que há de surgir, a seu tempo, mais depressa pela força imperiosa das circunstâncias do que pela vontade daqueles que sentem a revolta natural contra o actual estado das coisas e que, quando menos se espere, há de dizer da sua justiça, obrigando os *personagens* ao pagamento do capital e dos juros da mais sagrada dívida que se pode contrair com o povo e vem a ser aquela de o roubar durante muitos anos consecutivos e com a mais requintada malvades, sem igual e sem precedentes entre bandidos de estrada.

José BENEDY

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima - Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Divisão do Material e Tração

Armazéns

Fornecimento de 200 toneladas de óleo mineral escuro

No dia 6 de Novembro pelas 16 horas, na estação central de Lisboa (Rossio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 200 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns da Divisão do Material e Tração (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 21 de Outubro de 1922.

O Eng.º Sub-Director da Companhia (a) Santos Viegas

Amareleja. — F. Ferreira. — Segue carta e recibos.

Aljustrel. — Cortes. — Os livros que pede encontram-se todos esgotados.

FUNILEIRO

Precisa-se oficial. António Lopes de Sousa, Abrantes.

Publicações de «A Seara Nova»

Por Jaime Cortezão:

Adão e Eva 3\$00

Itália azul 5\$00

Por Faria de Vasconcelos:

Terras de além mar 3\$00

Problemas escolares 3\$00

Por Esequiel de Campos:

Lázaro 3\$00

Seara Nova, n.ºs 1 a 12, brochados 7\$50

Águia, revista da Renascença Portuguesa 9\$00

A Batalha "A Batalha" NA PROVÍNCIA E ARREDORES

Guarda 22 DE OUTUBRO Subsistências

A questão das subsistências, nesta cidade, continua a merecer o desprazo daqueles que obrigação teriam de tomar a seu cargo, tentando as necessárias medidas de intuitos benéficos. Já em tempo se quiz fazer alguma coisa a instâncias, diga-se de passagem, da Associação 1.º de Maio, que nisso se empenhava. Hoje, porém, tudo se pôs de parte, caminhando-se ao sabor dos acontecimentos e deixando-se os especuladores especular e enriquecer à vontade e à custa do espolado trabalhador.

A batata que tinha sido tabelada a 5\$00, não aparece e a que aparece é vendida, num apice, a 9 e 10 escudos. É a Comissão de Subsistências não dá sinal de vida, não toma medidas. Entretanto os batateiros, essa praga daninha, faz negócios em barba, arrebanhando toda a batata que aparece, não discutindo preço.

Estamos bem arranjados este ano. Se assim vão as coisas, sem um obstáculo, sem um travão, havemos de pagá-la, daqui a pouco a 30 escudos!

Perante a falta provocada, que se nota, da batata, não somos daqueles que reclamam: *Apareça a batata, seja por que preço for.* Nós dizemos antes: *venha a batata, ao preço da tabela, ou a bem, ou a mal.*

Ainda não abriu, apesar de pronto, o armazém regulador.

Que haverá? Novo entrave? Ou es quecer-se-ia de nós o comissário geral dos abastecimentos? A este sr. pedimos novamente providências. — C.

Portalegre 23 DE OUTUBRO

O que eles declaram

Como tinhamos previsto e depois da representação da mal encenada comédia, a falta de trigo — lá subiu o pãozinho mais um tostão em cada quilo de... 980 gramas.

A forma cómica e burlesca como este aumento foi conseguido, demonstra bem a evidência que apesar da criminosa e brutal indiferença das classes consumidoras, num caso de tal gravidade manifestada, só o seu resfregar, atemoriza e faz recuar a caifia dos seus exploradores. Sim! porque se não, essa cambada infame, que tam comicamente procede para elevar os gêneros mais indispensáveis à alimentação ao preço que a sua selvagem e insaciável ambição aspira, procederá doutro sorte, isto é, subindo de vez, aquilo que só aos poucos vai subindo; mas não, uma vez, que a refriar os seus ímpetos de hiena, estão o receio e o medo, de que se encontra possuída, visto que muito bem se recorda que o roubo e a estorsão tem de ter fim e os roubados de agir.

Foi o aumento em referência precedido de vários boatos e algumas reuniões efectadas a convite do governador civil deste distrito, reuniões que segundo cremos, nada mais produziram que o agravamento de preço e a requisição de trigo em harmonia com a lei em vigor.

Ao que consta, entre outros de igual força e vontade, apparece um honrado lavrador daqueles honrados, que fariam corar de vergonha qualquer bandido, por mais célebre e criminoso que se julgasse, a declarar a impossibilidade de dispor de algum trigo do muito que lhe colheram, porque o possuía para dar ao seu gado.

Esta declaração, que tem causado geral indignação em todos os que tem de morrear o pão negro de cada dia, e que por vezes se tem visto na contingência de nem negro o comerem, veio despertar em nós o apetite de inquirirmos da autoridade o motivo porque se não prende e encarceram em infestas masmorras criaturas que tam publicamente se confessam autores duma tal monstruosidade, como aquela de roubar ou pretender roubar, o principal alimento a milhares de estômagos já famintos. Sim! porque! Acaso criminosos são aqueles que para aplacar a dura e negra fome, lançam mão dum pão ou dum pedaço de carne?

Acaso não serão estes menos dignos dum exemplar castigo, que aqueles? Ah! certamente, mas aqueles são o peixe grosso, o que não entram na rede, os que apesar de nada republicanos dispõem de todas as leis e disfrutam todas as protecções.

Os lamentos das classes menos remediadas são constantes, pois que, acompanhando o ritmo desordenado do aumento do pão, vão os restantes gêneros, o vestuário, o calçado e a hortaliça; cascas há oade a fome impera já; os ordenados auferidos pela maioria das classes, em nada se compadece com o preço dos gêneros, a situação de miséria que de todos se avizinha, é terrível, e o que será o dia de amanhã, ninguém o sabe. Uma coisa, porém, todos dizem, e essa é a de que isto não pode nem deve continuar assim; o ambiente de enfado e desânimo que se nota faz recordar os últimos dias que precederam a queda da monarquia de triste memória, em que a indiferença dos de cima era flagrante e notada pelos de baixo. Hoje, embora essa indiferença não seja tamanha e alguma coisa com leis e decretos se pretende fazer, o que é certo é que nada se consegue que não seja o aumento da miséria, da descrença e da revolta, até quando... não sabemos; no entanto os que tem a perder que respondam.

Eleições

Com a aproximação do dia destinado para o acto eleitoral, vai aumentando o entusiasmo e a agitação dos nossos políticos (?) de ocasião. Tudo se prepara para que das urnas, como sempre, saia resplandecente e imperativa, a vontade orgulhosa do povo (sic) soberano, daquele povo, que, rebentando de miséria e esticando de larica, tudo perdoaria menos que não o deixassem impor a vontade dos outros.

Segundo parece e tudo indica, é chegada a vez de Portalegre enviar à casa do povo, desde as mais luminosas capacidades dos partidos, as mais altas capacidades intelectuais. Desta vez, nada há de faltaria, haveria de tudo, incluindo monárquicos e mais ainda quem pelas suas ideias rasgadas democráticas recabe com o espectáculo vergonhoso que dão aos visitantes, os assalariados da câmara que, pela insignificância de salário auferido, tem o aspecto de párias famintos implorando esmola. A urna, pois! povo soberano, olha que o teu bem-estar e a vida barata está numa boa escolha e numa mal representada, ou então, desce-nos a política e os benefícios que dela tens tirado...

Julgamento

Deve começar amanhã no tribunal judicial o julgamento dos implicados no caso da Quinta do Soldado, que tanto apaixonou a opinião pública de todo o país. São defensores dos acusados neste julgamento que se espera demore três a quatro dias e que está despertando a uma invulgar curiosidade, três dos mais distintos advogados do foro português. Do que ocorrer depois informarei.

Temporal

Com uma violência pavorosa, desencadeou-se aqui nos últimos dias um grande temporal, acompanhado de ven-

to, alguns trovões e rijas bátegas de água.

No Bairro Lopes Pires a corrente atingiu tal violência, que rebentando um colector, produziu inundação em casa de António Moreno, inundação que estragando o pouco recheio que existia, o colocou em perigo de vida e o reduziu à miséria, assim como a toda a família. Dado o sinal de alarme compa-raceram os bombeiros que são dignos de elogios.

A casa ameaça ruir. — C.

Vila Nova de Gaia 23 DE OUTUBRO

Falta de Solidariedade

O procedimento de quasi todos os operários da fábrica do Cravêl é de veras revoltante. Vai para quatro semanas que a maior parte do pessoal se encontra a trabalhar, não se importando com os camaradas que foram excluídos ao portão, pois o defeito que estes tinham é de serem conscientes.

Já não falamos nessas três criaturas que deram por findo o movimento em greve; esses só merecem o desprazo de todo o operário consciente: mas o que nos causa admiração é o resto do pessoal que foi contra a forma como a greve foi solucionada, e estar num multo que muito nos admira. Bem sabemos que agora essas criaturas, ainda existe dentro da fábrica um certo número de inconscientes; chamando-lhe por o seu verdadeiro nome — são uns péssimos engraxadores, porque vendo os seus companheiros fora da fábrica, ainda assim dentro dela, andam a dizer o que Mafoma não disse do toucinho.

O motivo desses camaradas ficarem excluídos da fábrica, todo o operário local o sabe: era querer o bem estar de todos, e vejam os inconscientes que a greve valeu de alguma coisa porque acaba a gerência de fazer mais um aumento de 25 % sobre os 15 %, que já tinham dado, e se não fosse a greve, ainda se estava com o primeiro aumento.

Vede retrógrados, quanto vos valeu a greve!

Na ância de mais dinheiro, até vos esquestes de prestar solidariedade aos vossos camaradas, e alguns há que estão há seis semanas sem ganhar nada e com fome em casa.

Vede a miséria de alguns vossos companheiros! não é favor prestar o auxílio desejado! é um dever que vos tens!

Este nosso grito é para calar nos vossos corações conscientes: caso contrário faz-nos supor que vos estais feitos com os vossos verdugos. — C.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima - Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Direcção Geral

Concurso para admissão de praticantes de escritório dos Serviços Centrais

Até 22 de Novembro próximo futuro está aberto concurso para a admissão de praticantes de escritório dos Serviços Centrais.

O programa do concurso está patente na Secretaria da Direcção Geral (Edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis, das 10 às 16 horas.

Os requerimentos, escritos em papel comum e pelo próprio punho dos concorrentes, deverão ser entregados ao Director Geral da Companhia e entregues até às 14 horas do dia 22 de Novembro na Secretaria da Direcção Geral e neles será indicada a morada do requerente.

Os candidatos serão submetidos à inspecção da Junta Médica da Companhia, depois do que será fixado o dia para o exame de admissão.

Lisboa, 23 de Outubro de 1922

O Eng.º Sub-Director da Companhia (a) Santos Viegas

AOS MONTADORES

Material eléctrico

Cordão 0,75 a preços convidativos na casa Lopes & Valério, Lda. Rua Nova da Almada, 16.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal «Aero» únicas que não se desfazem e das boas fôrmas, dizem 500. Isqueiros, rodas de eixos e mactas, tubos, molas, pilas e tambores.

Único depósito que fornece para revenda.

CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Ele não quiz, defendeu a sua propriedade das mãosinhas espoliadoras.

— Ah! não, este não, tive tanto trabalho... Tu vais partir-mo, larga.

Contudo, achando a muito gentil, o ar alegre e cheirando bem, fraguejou, a sua resistência foi menor.

— Se queres, faço-te outro.

E, como tinha tornado a pôr o barco na água e as rodas de novo se moviam, a pequerrucha aceitou, bateu as palmas, assentando-se ao pé dele, na erva, conquistada a seu turno, muito dada, não o deixando mais.

Paulo, o mais velho de todos, cujos sete anos faziam dele já um homenzinho, teve entretanto a ideia confusa de que devia procurar saber. Dirigiu-se a Antonietta, cujo ar amável, e linda figura o afoitavam.

— Que idade tens tu?

— Eu tenho quatro anos, mas o papá diz que pareço ter seis.

— Quem é o teu papá?

— O papá é o papá, ora! E's parvo em perguntar semelhante coisa.

Ria tam alegremente, que ele achou a resposta decisiva e não a interrogou mais. Também ele se tinha assentado ao pé dela, e ficaram logo os melhores amigos do mundo. Com certeza não reparava que ela trazia um simples vestidinho de lã, nada bonito, de tal modo era divertida, com a sua bela saúde e o seu ar de não duvidar de nada.

— E tu, o teu papá? só deles todas estas arvores? Enã! o que tens de espaço para brincar?... Nós passamos pelo buraco duma sebe; lá em buxo.

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE OUTUBRO

D.	1	8	15	22	29	HOJE O SOL
D.	2	9	16	23	30	Aparece às 6,50
S.	3	10	17	24	31	Desaparece às 17,40
Q.	4	11	18	25		
Q.	5	12	19	26		
S.	6	13	20	27		
S.	7	14	21	28		

MARÉS DE HOJE

Praiamar às 5,56 e às 18,20

Baixamar às 11,26 e às 23,50

CAMBIOS

Países	Moeda	Moeda	Comp.	Venda
Alemanha	Marcos	100	100	100
Austria	Schillings	100	100	100
Belgica	Francos	100	100	100
Espanha	Pesetas	100	100	100
E. U. A.	Dólares	100	100	100
Francia	Francos	100	100	100
Holanda	Florins	100	100	100
Inglaterra	Libras	100	100	100
Italia	Liras	100	100	100
Suica	Francos	100	100	100

CARTAZ

S. CARLOS. — Não há espectáculo.

S. LUIS. — A's 21 — Miss Issipi.

AVENIDA. — A's 21,15 — «Cama, mesa e cadeira».

POLITEAMA. — A's 21,30 — «A Dama das Camélias».

EDEN THEATRO. — A's 21, — «O crime do Coelho».

COLISEU. — A's 21 — Companhia Italiana de opereta, «Madame de Thebe, Agua Serena e 10.º acto».

APOLLO. — A's 21,15. — «O cigarro brasileiro».

S. L. POZ. — A's 21,30. — Hoje não há espectáculo.

CIRCO ROYAL. — A's 20,30 e 22,30 — Circo e Variedades.

GIL VICENTE. — A's 21 — Espectáculos acrobáticos, segundas e quintas-feiras.

CHIADO TERRASSE. — A's 2 e 4,30 — Matinée e soirée — A Sétia Tenebrosa — 51 partes — Completa.

OLIMPIA. — Animatógrafo.

CONDES (Avenida). — Animatógrafo.

CENTRAL (Avenida). — Animatógrafo.

ROSSIO (Arco da Bandeira). — Animatógrafo.

CHANTECLER (Avenida). — Animatógrafo.

IDEAL (Loreto). — Animatógrafo.

EXCELSIOR (Teatro dos Anjos). — Espectáculos cinematográficos, às 20,30.

PROMOTORA (ao Calvário). — Animatógrafo.

Gama

GRANDE VARIEDADE

DE

Bilhetes, fracções e cautelas para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$20 para registro

Fornecer para revender

TELEFONE 4.020 NORTE

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51-Lisboa

MARCENEIRO

AJUDANTE, precis-se. Calçada dos Caetanos, n.º 6.

Ricos... Remediados... Pobres...

Podem e devem comprar calçado sólido e elegante. O calçado que vendemos faz de cada freguês um amigo.

Calçado de alta qualidade garantida.

Preços muito baratos

“Pavilhão Americano”

Rua Marquês Alegrete, 77

— E' proibido... E problem-me-também de vir aqui, com medo de que eu caia à água. E é tam divertido! Olha que não se há de dizer nada, senão seremos todos castigados.

Mas subitamente houve um drama. O Nanet, tam loiro e tam esgoviado, ficara maravilhado diante de Nise, que era mais esgoviada e mais loira ainda do que ele. Pareciam dois bonecos, dirigiram-se logo um para o outro, como se o seu encontro fosse uma coisa necessária, e se tivessem esperado. Já se seguravam pelas mãos, riam na cara um do outro, brincando a empurrar-se. E o Nanet, que fazia de homem forte gritou:

— O barco, não há necessidade de pau para o puxar... Eu sou capaz de o ir buscar ao meio da água.

Entusiasmada, Nise, que era também pelas brincadeiras extraordinárias, apoiou a proposta.

— Isso, isso, vamos meter-nos na água, vamos todos tirar os sapatos.

E logo, debruçando-se, esteve a ponto de escorregar para o lago. Toda a sua presunção de pequerrucha a ban-do, deu um grito terrível, quando sentiu a água molhar-lhe as botinas. Ele, corajosamente, precipitou-se, tomara-a nos seus pequenos braços já fortes; e trazia-a como uma conquista e um trofeu, depô-la sobre a erva, onde se pôs a rir, brincando com ele, agarrando-se ambos, cabriolando como dois cabritos contentes.

Mas o grito agudo que lhe tinha arrancado o medo, acabava de tirar as criaturas do seu esquecimento tagarela-

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos	Dias
Guineen, Tenerife, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul.	25
Desna, portos do Brasil e Argentina.	26
Geirila, portos do Brasil e Argentina.	30
Antônio Delfino, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.	30

EM NOVEMBRO

Eemeland, portos do sul do Brasil.	1
Alban, Pará e Manaus.	1
Zealandia, Leixões, Vigo, Cherbourg Southampton e Amsterdam.	1
General San Martin, portos do Brasil e Argentina.	1
Waganda, Tenerife, Las Palmas, Louisa, Lobito, Cidade do Cabo, Porto Elizabeth, East, London, Lourenço Marques e Beira.	3
Wangoni, Rotterdam e Hamburgo.	7

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA. — Rua do Arco a Jesus. — Todos os dias úteis, das 10 às 16, com licença.

AQUÁRIO VASCO DA GAMA. — Da manhã. — Todos os dias, das 10 às 16, por da sol.

ARQUEOLÓGICO. — Largo do Carmo. — Todos os dias das 10 às 16. — 20 centavos.

ARTILHARIA. — Largo do Museu de Artilharia. — Todos os dias úteis, das 10 às 16.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO. — Rua Eugénio dos Santos. — Aos domingos, das 10 às 16.

ETNOLOGICO PORTUGUES. — Edifício dos Jerónimos, Belem. — Todos os dias úteis, das 12 às 16.

GEOLOGICO. — Rua do Arco a Jesus, na Academia das Ciências, 3.º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO. — Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DO BOY CAGE. — Escola Politécnica. — Quintas-feiras das 12 às 16.

MISERICORDIA. — Largo de Trindade Coelho. — Último domingo do mês, às 15,20.

NACIONAL AGRÍCOLA. — Tapada da Ajuda.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA. — Rua das Janinas Verdes.

NACIONAL DE COCHES. — Praça Afonso de Albuquerque. — Todos os dias úteis, das 10 às 17.

NACIONAL DE MARINHA. — Largo do Chafariz, 22. — As terças e domingos, A's segundas, 43º centavos.

Conselhos, Fórmulas, Receitas, etc.

ARTES E INDUSTRIAS

Novo processo de soldadura do alumínio. — Consiste este processo em aquecer o metal que serve de soldadura ou revestimento, por exemplo estanho puro ou uma liga constituída por 1 parte de estanho e 2 de chumbo, a uma temperatura além da de fusão, onde o metal adquire uma consistência pastosa.

Os metais levados somente à temperatura de fusão, têm, como o mercúrio à temperatura ordinária, tendência para formar pequenos glóbulos esféricos quando são vasados sobre uma superfície qualquer, tornando-se refratários a qualquer tentativa empregada para os estender numa camada aderente.

Isto, porém, já não acontece, quando se sobreaquecidos, pois aderem muito bem e podem ser estendidos com facilidade sobre as superfícies.

E' nesta propriedade caracteristica dos metais sobreaquecidos, que é baseado o processo. A soldadura ou o metal de revestimento, o estanho ou a sua liga com o chumbo, são aquecidos além do ponto de fusão, agitando continuamente.

Desde que o metal no estado líquido aderir às paredes do vaso ou cadinho, pode interromper-se o aquecimento e empregar directamente o metal fundido para a soldadura e estanhadura.

Não se torna necessário limpar mecanicamente os lugares sobrepósitos das peças de alumínio que devem ser soldadas, nem tam pouco é preciso recorrer a ácidos e sais: bastará lavá-las em água quente, aquecê-las e aplicar depois a soldadura. Se se deixa arrefecer, o metal empregado para a soldadura ou revestimento torna-se friável, propriedade que perde logo que se sobreaquece, em que adquire de novo uma consistência pastosa.

Esta particularidade é aproveitada para uma segunda variante do processo

de soldadura que consiste em granular o metal arrefecido e applicá-lo assim às peças que se pretende soldar ou cobrir. Não se tem mais do que aquecer para fazer fundir o metal que é então espalhado pelas peças de alumínio que se querem cobrir, ou repartido pelas partes a soldar.

Podem ainda cobrir-se, separadamente, as duas peças que devem ser soldadas, no sitio em que têm de ser ligadas, com o metal da soldadura e em seguida ao atrefecimento deste, acabar a ligação, com uma soldadura.

VÁRIAS

Processo de furar o vidro. — Deita-se alho cortado em pequenos bocados em essência de terebentina e agita-se esta mistura de tempos a tempos. Ao fim de quinze dias, filtra-se e quando se quer furar o vidro, toma-se uma ruma ou uma broca que se introduz no líquido e com a qual se fura o vidro, que deve ficar perpendicular, tendo o cuidado de molhar constantemente para evitar que a broca ou a verruma aqueçam.

Outro:

Deitar um pouco de alumen em ácido acético, introduzir na mistura a verruma e deixando também uma gota no vidro no sitio que se quer furar.

Para cortar um vidro circular de despertador. — Colar, com cera para moldes, um bocado de vidro sobre uma plataforma de buril; fixar este último ao torninho, sobre a plataforma horizontal, e conservar o diamante imóvel, fazendo mover o buril fixo. Este processo dá sempre resultado.

DE ALGURES:

Os trabalhos da vida afixam uns engenhos e embotam outros.

ÉMILE ZOLA

TRABALHO

O *maire* deplorava que se tivesse perdido o bom Deus no negócio, bem que aprovasse, com o director do Abis-
s, esse canto de triunfo, em que era celebrada, em estilo lírico, a vitória do capital sobre o salariado. E Lucas que ia ao lado deles, aborrecido, cansado de os ouvir, manobrou de ma-
deira a deixá-los distanciar, depois de se por baixo da ramada, certo de que sempre havia de dar com a bundache.

Que adorável solidão, nesse arvoredo espesso, onde o tédio sol de-
tira! Por algum tempo caminhou ao
passo, satisfeito de estar finalmente
de respirar à vontade, em plena
liberdade, como aliviado da oppres-
são que sentia, depois que toda essa gente
se fora, quando desembocou de
repente, sobre o cérebro e sobre o
coração. Pensava contudo em ir jun-
tar-se-lhe, quando desembocou de
repente perto da estrada de Forme-

nietta Bonnaire, que seguramente tinha
descencaminhado, arrastado tam longe,
da rua das Três-Luzas, aproveitando
o domingo livre. E tudo se explicava:
tendo Luciano inventado um barqueiro
que andava por si só, Nanet ofereceu-
se-lhe, fazendo-se forte, para o levar
a um lago que elle conhecia, um belo
lago onde se não encontrava nunca
ninguém. O barqueiro, naquele mo-
mento, marchava sózinho pela água
clara, sem uma ligeira ondulação. Era
um prodigio.

Fora o caso que Luciano num rasgo
de génio lembrara-se de utilizar o ma-
quinismo infantil dum pequeno carro
circulante, um brinquedo de dez nove-
sous, adaptando as rodas, guarneci-
das de palhetas, a um barco cavado num
bocado de pinho. E a coisa andava
bem dez metros, sem auxílio.

O pior era que se tornava preciso
então puxar o barco com uma vara,
o que desta vez quasi o submergia.

Mas, petrificados de admiração,
Paulo e as suas duas convidadas,
em pé, não se tiravam da borda
do lago. Luisa, sobretudo, os olhos
luzindo na sua pequenina fisionomia
de cabra caprichosa, foi logo arreba-
tada por um desejo sem limites.

Estendeu a suas mãosinhas, gritou:

— Eu quero, eu quero...

Depois correu para Luciano, que
com a vara acabava de puxar o barco
para o pôr de novo em movimento. A
boa natureza, no prazer da brincadei-
ra, aproximou-os. Trataram-se por tu.

— Fui eu que o fiz, sabes.

— Oh! deixa-zê, dá cá!

Ele não quiz, defendeu a sua pro-
priedade das mãosinhas espoliadoras.

— Ah! não, este não, tive tanto tra-
balho... Tu vais partir-mo, larga.

Contudo, achando a muito gentil,
o ar alegre e cheirando bem, frague-
jou, a sua resistência foi menor.

— Se queres, faço-te outro.

E, como tinha tornado a pôr o bar-
co na água e as rodas de novo se mo-
viam, a pequerrucha aceitou, bateu
as palmas, assentando-se ao pé dele,
na erva, conquistada a seu turno, muito
dada, não o deixando mais.

</

Purgações

Por mais antigas e rebeldes que sejam, curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o verdadeiro específico

SANDANITOL

O seu uso pode ser secreto porque as PREÇO urinárias não mudam de cor nem de cheiro 10\$00

VENDEM:

FARMACIA ESTACIO, Rossio, 63. — FARMACIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228. — UNIAO COMERCIAL DE DROGAS, Rua Augusta, 180. — FARMACIA CASTRO, Avenida Almirante Reis, 76. — FARMACIA CONCEICAO, Calçada de D. Gastão, 23, (Xabregas). — FARMACIA DE PEDROUCOS, Rua do Pedrouços, 114. Depósito geral Farmácia Castro, Sucessor Rua de S. Bento, 199-199, A LISBOA

AGUA AMARELA

Remédio que mata todos os parasitas da cabeça e corpo. Destroe lendas e limpa a caspa. Preço 2\$50

DEPOSITO GERAL:

SIMÕES VIANA, — Rua Infante D. Henrique, 54, (vulgo S. Tomé) — LISBOA Envia-se pelo correio para qualquer parte do continente ou ilhas Preço 2\$50, contra reembolso 2\$70

LANIFICIOS

Vendem fazendas directamente ao consumidor

MOSA & ROMÃO

COVILHÃ

Enviam-se amostras

Tabacaria A NACIONAL

DE —

MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinhas, postais ilustrados, livros, artigos de paparia, selos, papel selado, artigos para fumadores

LOTERIAS

Aguas, cervejas e refrescos

38, Rua da Mouraria, 38-A LISBOA

Francês sem mestre em 3 meses

por M. GONÇALVES PEREIRA

Ao alcance de todas as inteligências e de todas as idades. Pronúncia figurada em sons da língua portuguesa, gramática, conversação e correspondência.

PREÇO 10\$00

Pelo correio 10\$50

Pedidos à administração de A BATALHA

Às camaradas da província

que desejem adquirir o livro que a comissão organizadora do Congresso acaba de editar «Organização Social Sindicalista» podem fazê-lo enviando a quantia de 2\$20 para lhes ser enviado pelo correio sob registro.

LEIAM

PROCRIAÇÃO CONSCIENTE

(Páginas de práticas neo-maltusianas)
● Descrição dos órgãos genitais.
● Valor exacto dos meios a empregar.
● Injeções.
● Preservativos, etc.

Preço, \$25 — Pelo correio, \$30

USEM

OVULOS

anti-germinativos

Caixa, com uma dúzia... 2\$00

Pelo correio... 2\$15

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE

EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Nicolau Gomes Correia

ALFAIATE-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana. :: Casacos para senhora já confeccionados ::

..... AVIAMENTOS PARA ALFAIATES

R. dos Fanqueiros, 255

Livraria Renascença

J. CARDOSO, Lda — Editores

RUA DOS POIAES DE S. BENTO, 27

Foi inaugurado há dias este estabelecimento, onde se encontram à venda obras literárias, científicas, sociais, filosóficas, profissionais e artísticas.

Em breve sob a direcção de Manuel Ribeiro o autor de «A Catedral» e «O Deserto» se iniciará a publicação de três colecções a tomos, sendo a primeira intitulada **Colecção Autores Célèbres** ilustrada. Iniciando-se com a grandiosa obra de Victor Hugo **Os Miseráveis**.

A segunda denominada **Germinal** iniciará com a magnífica obra de Kropotkin **O Auxílio Mútuo** trabalho maravilhoso onde é demonstrada a verdadeira solidariedade que existe nos animais irracionais.

A terceira intitulada **Renascença** abrirá com **A Pecadora da Galileia**, por René Emery, romance que remonta aos tempos primitivos do Cristianismo e que no aparecer em França, em poucas semanas se esgotaram trinta edições.

Outras publicações em separado se editam de maneira a educar e instruir a classe trabalhadora.

Também tem montada uma secção de artigos de escritório e escolares fornecendo todos os objectos e artigos para o funcionamento de qualquer organismo.

Fornecemos carimbos de borracha e de metal, cartões de visita e de identidade, encadernações e todos os trabalhos tipográficos.

Fornecemos bibliotecas e procura de livros raros, assim como a compra e venda de livros usados.

Todos os artigos são vendidos aos preços mais baixos do mercado não recuando concorrência.

A nossa divisa será **Honestidade e audácia para vencer**, esperando que o publico e todos os camaradas e amigos façam uma visita ao nosso estabelecimento o que agradecemos.

CALÇADO

A' grande Baixa de Calçado a Sapataria Social Operária

GRANDE LIQUIDAÇÃO em todos os calçados existentes na Sapataria do Calhariz

Além dos tipos que a seguir citamos, enorme variedade saldamos, vendendo tudo com grandes abatimentos, não obstante as últimas subidas motivadas pela dose ropegreiros.

A 8\$80

GRANDE lote de sapatos de lona para senhora, cujo actual valor é 15\$50.

A 15\$00

GRANDE lote de sapatos em vitela preta, cujo valor actual é 16\$80, pois só o fêlito custa 7\$00.

A 35\$00

BOTAS de cal de cor, com 1 sola, que em toda a parte se vendem a 40\$00 e mais.

A 20\$00

BOTAS de cor e pretas cujo valor real é de 28\$00, na grande liquidação da Sapataria do Calhariz.

A 27\$50

GRANDE lote de botas em superior cal preto, cujo valor é 38\$00.

A 23\$50

UM lote de botas em cal preto, 1 sola, para homem; um dito em 2 solas.

A 19\$50

SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$00.

A 17\$50

UM grande lote de sapatos em verniz preto, com salto Luis XV; outro em cal amarelo, cujo valor é 28\$00.

SANDALIAS

GRANDE SORTIMENTO com grandes diferenças de preços.

Para futebol

Vendemos todos estes calçados — 30 a 40% mais barato —

Grande sortimento em calçados caseiros, chinelas de quarto, mouriscas, calçados das mais recentes novidades para homens, senhoras e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS DE METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e palhas. ALEM DISSO, «A MUNDIAL» NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500.000\$00

RESERVAS: 749.051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084

R. S. da Bandeira, 331, 1.ª

AS Hóstias Peruvianas

São de grande utilidade na cura das febres intericticas, porque não deprimindo o organismo são tónicas e anti-febrífugas por excelência

Depósito geral FARMACIA CASTRO, SUCESSOR 199, Rua de S. Bento, 199-A LISBOA

Quereis o vosso relógio concentrado com garantia e por preço módico? Levae-o ao

33 de S.º André actualmente Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do chafariz) OFICINA DE RELOJOEIRO E OURIRES DE ALVES D'ANDRADE, Lda

OPERARIOS, ECONOMISAI!!!

Comprando o vosso calçado e mandando fazer os vossos concertos na Sapataria Operária, na Rua do Bemfornoso, 186. — E' o que faz preços de camarada: —

REUMATISMO

SIFILITICO BLENORRAGICO GOTOSO ARTICULAR ARTRITICO MUSCULAR

Cura-se com o notável específico «REUMATINA»

Frasco 6800 — Pedidos ao depósito geral A. Costa Coelho — Bom Jardim, 440 — PORTO.

Camaradas

Vão comprar o vosso calçado e mandando fazer os vossos concertos na Sapataria Operária, na Rua do Bemfornoso, 186, pois é um antigo operário que não vos explora.

Vão vêr! Vão vêr!

Calçado barato só vende o CANDEIAS

(INTENDENTE de frente do chafariz)

Sapatos em cal para senhora 14\$50

" " preto de 1.ª 26\$00

" " vitela, salto raso 23\$00

" " verniz, salto sola 30\$00

Botas em vitela preta para senhora 28\$00

Botas em vitela nacional para homem 29\$00

Botas em cal preta, 2 solas, 1.ª 35\$00

Botas «double» gáspia, para homem 38\$00

Botas em vitela branca, forradas de carneira 24\$00

Visitai as nossas novas secções de fanfueiro, retrozeiro, modas, camisaria e rouparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

A MAÇONARIA E O PROLETARIADO

Editado pela BIBLIOTECA NOVA AURORA será brevemente posto à venda um interessante folheto, de magnífica propaganda libertária intitulado A MAÇONARIA E O PROLETARIADO.

O seu custo é de 20 centavos. Todos os pedidos acompanhados das respectivas importâncias podem desde já ser dirigidos para a administração de A BATALHA, Lisboa; A COMUNA, Apartado, 17, Porto, e Rua de Santo Ildefonso, 282, Porto.

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais pratico dos inaladores;

2.º E' usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos d'vidados porque as defende de contágios perigosos;

3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abrem-lhes o apetite e permitem-lhes sonos reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalora a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em publico;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico;

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;

7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, por servando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diptheria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 1\$00 esc. — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 1\$40 esc.

Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$50 esc.

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.ª D.

A Novela Vermelha

Publicação literária mensal

COLABORADORES:

Manuel Ribeiro; Mário Domingues; Aquilino Ribeiro; Nogueira de Brito; Sobral de Campos; Augusto Machado; Perfeito de Carvalho; Cristiano Lima; Bento Ferreira; José Benedy; Gonçalves Correia; Julião Quintinha, e outros

Publicado:

1.ª SÉRIE

N.º 1 — Expição — por Manuel Ribeiro.

N.º 2 — Sangue Fidalgo — por Nogueira de Brito.

N.º 3 — Hugo, o pintor — por Mário Domingues.

N.º 4 — Dois tiros — por Sobral de Campos.

N.º 5 — Impossível redenção — por Augusto Machado.

N.º 6 — A Escola de Nun'Alvares — por Cristiano Lima.

N.º 7 — Anastácio José — por Mário Domingues.

N.º 8 — A Sciência Redentora — por José Benedy.

N.º 9 — O mestre geral — por Jesus Peixoto.

N.º 10 — Dor Vitoriosa — por Julião Quintinha.

2.ª SÉRIE

N.º 1 — Poder redentor — por Manuel Ribeiro.

N.º 2 — Não diz a lei — por Nogueira de Brito.

Preço por número \$25

Assinatura, série de 10 números 2\$50 pagamento adiantado.

Locais de venda

Lisboa: quiosques, tabacarias e livrarias. Porto: redacção de A Comunha. Coimbra: Livraria Lumen, Tabacaria Pátria, e em casa de Manuel Bernardo Ferreira, terreiro da Erva. Outras localidades, nos agentes.

Cura das doenças pelas plantas

Avenda na administração de A Batalha — Preço \$300

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS ESCOLARES BROCHADOS

Algebra 4.80

Aritmética 4.80

Curso Portug. 3.00

Desenho linear 3.00

Mecânica 4.20

Física 3.00

Química 4.20

ELEMENTOS GERAIS (tenoacernados)

Algebra elementar 6.60

Aritmética prática 6.60

Desenho linear geométrico 4.80

Elementos de física 4.80

" " mecânica 4.80

" " modelação ornato e figura 4.80

" " projecções 7.20

" " química 6.00

Geometria plana e no espaço 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80

Escrituração e contabilidade comercial 9.60

Escrituração associativa 4.00

Manual prático de correspondência comercial 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções 6.00

Alvenaria e cantaria 5.40

Edificações 5.40

Encanamentos e salubridade das habitações 5.40

Materiais de construção 7.20

Terraplanagem e sileceres 4.80

Trabalhos de carpintaria civil 6.00

" " serralharia civil 6.00

DIVERSAS INDÚSTRIAS